

## EDITORIAL v.16 nº3/2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781632020001>

Neste trimestre, a Revista Educação, Artes e Inclusão apresenta o terceiro número da Edição nº 16, composto pelo *Dossiê Leituras Inclusivas do Mundo: Estéticas Contemporâneas para a Reversão da Invisibilidade*, contendo 8 artigos, e mais 8 artigos, 1 relato de experiência e 1 entrevista, recebidos das submissões em fluxo contínuo.

Este **Dossiê** é orientado pelo princípio do direito à expressão das diferentes culturas e, de modo, especial, à produção social e histórica da arte em sua diversidade. O documento propicia ainda a reflexão sobre os conceitos de criação e fruição, rompendo estereótipos há muito cristalizados.

O discernimento do que é plural requer um olhar não condicionado pelas vertentes universalistas – isto porque o universal tende a classificar e padronizar ações e indivíduos. Invariavelmente, as visões hegemônicas expressam a intenção do exercício de dominação de determinados grupos sobre outros. Percebe-se que na criação e fruição artística, o olhar voltado à diversidade considera que são múltiplos os contextos onde a arte é gerada, assim como são inúmeros os espaços nos quais seus fruidores agem. A ideia de desconstrução do que é estabelecido como “arte” está ligada ao direito de pertencimento e à existência de grupos sociais. A partir de matizes democráticas e inclusivas, os textos aqui reunidos quebram hegemonias e falsas concepções de direitos e deveres em relação à arte, seja na educação, seja na vida social.

Nesse sentido, o primeiro artigo ***Contribuição da cultura afro-americana à filosofia***, de autoria de Christian Béthune, apresenta uma análise sobre o modo como a cultura afro-americana, em particular, as expressões estéticas ligadas ao *jazz* contribuem, ou até mesmo, provocam fissuras no que ele chama de “revestimento dos pressupostos ontológicos” sobre os quais se edifica a filosofia ocidental. Inspirando-se nas teses da Filosofia da História, de Walter Benjamin, o autor demonstra como os vencidos, os negros

– por meio de suas produções estéticas – constroem a “história a contrapelo”. Béthune emprega ainda as formulações de Deleuze e Guatarri para sustentar que o *jazz* funcionaria como uma cultura menor, liberando “sonoridades inauditas” e corpos marcados pela exploração escravocrata. Sendo assim, ele considera que essas expressões da cultura afro-americana revelam aquilo que se perdeu no Ocidente, ou seja, nossa alteridade.

Já o segundo artigo ***Educating Black Youth Through Hip-Hop Studies***, de Halifu Osumare, com base em estudo de caso e orientando-se pela Teoria Crítica Racial e pela Teoria da Pedagogia da Justiça Social do *Hip-Hop*, realiza uma revisão dos estudos feitos acerca da defasagem da aprendizagem dos estudantes negros em relação aos brancos – nessa dimensão, a ênfase está nas questões de raça e de gênero. Porém, Osumare ressalta ainda a dimensão cultural presente na lacuna existente na aprendizagem desses alunos. Ele conclui o artigo, apontando a importância de uma abordagem de ensino que introduza as contribuições culturais afro-americanas, especialmente o *hip-hop*, aos estudantes de graduação, mas cuja experiência poderia ser estendida aos níveis fundamental e médio de ensino.

O terceiro artigo ***O graffiti nas ruas de Cuiabá: análise semiótica de imagens subversivas e educadoras***, dos autores Juliano Batista dos Santos, José Serafim Bertoloto e Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini, é o resultado de pesquisa teórico-empírica feita, inicialmente, por meio das ações de caminhar, conhecer e fotografar os *graffiti* nas ruas de Cuiabá. Em seguida, ocorre a análise das imagens escolhidas com o objetivo de revelar expressões, sentimentos, sensações e ideologias próprias à cultura local, dos nascidos ou vindos de fora de Cuiabá. Por intermédio de diferentes autores, as matrizes teóricas trazem conceitos, tais como, *folkcomunicação*, semiótica, crise da modernidade e valorização dos saberes cotidiano. Na pesquisa, percebe-se que os *graffiti* mostram criticidade, enfrentamento e denúncia de questões sociais da atualidade.

O quarto artigo ***Por uma epistemologia sul-americana com base nas culturas***

***afro-brasileiras: um debate sobre o ensino culturalmente relevante nas escolas públicas de ensino fundamental***, dos autores Mônica G.T. do Amaral e Kleber Galvão de Siqueira Jr, é originário de pesquisa dedicada às políticas públicas (FAPESP, 2015/2018), assim como é resultado da dissertação do mestrado do segundo autor. O estudo é realizado em escola pública do ensino fundamental, situada na periferia de São Paulo e está centrado no debate relativo às epistemologias do sul, como preconizado por Boaventura Santos. Orienta-se ainda pelos princípios do movimento negro no Brasil, como sugere Nilma Lino Gomes, revisitando o passado dos povos africanos e das culturas afro-diaspóricas a partir das contribuições do *Rap*. Com isso, cria uma espécie de *ecologia dos saberes*, por meio da qual estabelece o diálogo entre o saber científico e o popular, ampliando as bases epistêmicas para a reconstrução da Teoria Crítica numa perspectiva sul-americana e afro-brasileira.

O quinto artigo ***Cross-Cultural Narrative through graphic stories In Polisario Refugee Camps***, do autor Rolf Laven, aborda a “novela gráfica”, quando, nas últimas décadas, essa se torna uma forma de arte independente. A investigação ocorre a partir de uma série de *workshops* com trabalhos gráficos que contam histórias como uma forma alternativa de comunicação e promovem a alfabetização. O *locus* da pesquisa se dá em oficinas de formação de professores nos campos de refugiados de Polisario, na Argélia. Essas oficinas envolvem conteúdos do ambiente escolar e do cotidiano dos participantes a partir da arte-educação. Desenhos e histórias pessoais tornam-se fontes para as oficinas, incluindo, às vezes, a escrita. Desse modo, formas de comunicação não convencionais são geradas e estabelecidas como métodos educacionais mutuamente eficazes.

O sexto artigo ***Inclusão artística e cultural em contexto de saúde mental***, das autoras Adriana Magro e Rosa Iavelberg, tematiza a participação de usuários do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS) no universo da arte. A opção metodológica pela pesquisa-ação permite a observação dos processos de interação dos participantes em oficinas de criação, nas quais a inclusão de novos elementos da arte por estagiários da

universidade colaboram para a ampliação do repertório artístico e cultural das pessoas atendidas. Tais fatos tornam possível ao participante encontrar um efeito estético particular nos próprios trabalhos de criação, abrindo espaço para valores estéticos que propiciam um afastamento do olhar de formas copiadas, antes estabelecidas como arte, salvaguardando o objetivo da pesquisa.

O sétimo artigo ***Aprendizes de si: percursos para sentir/pensar as artes e culturas silenciadas***, da autora Teodora de Araújo Alves, discorre sobre caminhos menos coloniais de ensino e aprendizagem possíveis na formação universitária, quando se considera a natureza plural da comunidade atendida. Para tanto, reitera a autora, é necessária uma instituição educativa que não se baseie no colonialismo. O texto destaca que o corpo pode ser negado ou oprimido em função de cor, nacionalidade, classe social ou cultura. Porém, resiste pelo viés da afirmação de construções coletivas, que envolvem questões identitárias e da africanidade. Nessa dinâmica, a arte é um elemento de luta e afirmação; um exercício diário de conscientização e de resgate de vozes historicamente silenciadas. Sob essa perspectiva, expressões artísticas afro-brasileiras tornam-se referência para as práticas decoloniais de ensino e aprendizagem.

O oitavo artigo ***Epistemologias e culturas silenciadas: por uma formação em artes decolonial***, das autoras Úrsula Rosa da Silva e Nádia da Cruz Senna, versa sobre a revisão dos currículos e práticas de formação em artes. Nessa tarefa, as autoras orientam-se por epistemologias e saberes oriundos de uma pauta de valorização dos sujeitos latino-americanos e de construção coletiva do conhecimento. Os referenciais teóricos, em consonância com os propósitos da investigação, privilegiam estudos inclusivos e igualitários. A partir do trabalho de grupo de pesquisa em diferentes espaços de educação formal e informal instaura-se uma experiência artística que repercute e realça relações e discursos de segmentos excluídos da sociedade. A crise gerada pela pandemia mundial é abordada no final, destacando as questões das desigualdades sociais. Por fim, as autoras delineiam possibilidades inovadoras para a educação inclusiva.

Iniciando os artigos selecionados dos processos de submissão em **Fluxo contínuo**, temos o artigo ***Caracterização física de salas de recursos multifuncionais e percepções de professores em relação à presença de jogos e tecnologia no atendimento educacional especializado***, das autoras Mara Silvia Spurio e Luciane Guimarães Batistella Bianchini. O trabalho versa sobre como prática com jogos e tecnologia tem sido evidenciada como positiva para o processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa foi realizada em um município da região norte do estado do Paraná e se propõe a conhecer cinco Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) que oferecem o AEE e, em especial, identificar os jogos de mesa e digitais utilizados pelos seus professores; analisar como as professoras das respectivas SRMs concebem a prática com jogos e tecnologias.

O segundo artigo intitula-se ***Jogo Librário: Design for Change para comunicação e inclusão***, do trio de pesquisadoras Flávia Neves de Oliveira Castro, Nadja Maria Mourão e Rita de Castro Engler. O artigo apresenta e analisa como o Librário foi aplicado nos últimos seis anos, em escolas e universidades, pelo prisma da experiência das autoras e sob a metodologia do Design for Change. A partir das análises, as autoras apontam que *“torna-se pertinente fomentar debates e reflexões sobre o uso do Design for Change nas políticas públicas de inclusão social, não apenas no ambiente escolar, mas em diferentes setores da administração e serviços públicos que atendam cidadãos surdos e ouvintes”*.

Seguindo na abordagem do tema da inclusão e ensino de LIBRAS, temos o terceiro artigo, produzido pela autora Sandra Cristina Malzinoti Vedoato e intitulado ***A formação em libras de professores que atuam no contexto educacional bilíngue com alunos surdos***. O trabalho investigou a formação em Libras, de professores do Ensino Fundamental e Médio de uma escola de educação bilíngue para surdos em uma cidade no norte do Estado do Paraná. Os resultados apontaram déficits e necessidade formais específicas para comunicação entre professores-alunos.

O quarto artigo seleciona também abarca os debates relacionado ao ensino de

LIBRAS, mas com enfoque na área de ciências. O trabalho de Clevia Bittencurt Ersching e Fabíola Sucupira Ferreira Sell, intitulado ***Jogo cooperativo de ciências: o ensino de libras para alunos ouvintes do quinto ano***, tem por objetivo geral a análise do jogo cooperativo como ferramenta para o ensino de Libras para alunos ouvintes do quinto ano, na disciplina de Ciências, em cuja escola há alunos surdos matriculados.. A amostra se configura em 20 alunos de uma turma de quinto ano de uma escola municipal da cidade de Guaramirim. Com a aplicação do jogo cooperativo verificou-se que este, por estimular atitudes de companheirismo e parceria, contribuiu para o ensino e aprendizagem de Libras bem como do conteúdo sobre reciclagem de materiais.

O quinto artigo intitula-se ***Uma proposta à leitura de imagens por pessoas com deficiência visual*** e tem autoria de Andressa Dias Koehler e Gerda Margit Schütz Foerste. O trabalho discute os impactos que as barreiras comunicacionais presentes em produtos audiovisuais não acessíveis podem causar a pessoas com deficiência visual em situações comunicativas diversas. Relata e analisa uma experiência com grupo focal desenvolvida em um instituto de cegos do Espírito Santo, com a apresentação de imagens dinâmicas e estáticas em duas condições: com e sem audiodescrição.

Seguindo o norte de discussões acerca da deficiência visual, temos o trabalho ***Práticas docentes no ensino de ciências e biologia para alunos com deficiência visual: uma análise à luz da perspectiva inclusiva***, com autoria de Louíze Roberta Mafra de Sousa e Carlos Erick Brito de Sousa. A pesquisa analisa as práticas docentes de professores de Ciências e Biologia de uma escola de aplicação de uma universidade por meio da análise textual discursiva, considerando suas formações, dificuldades, concepções de inclusão e experiências. A dupla de autores destacou que *“para uma prática docente sensível às questões da diversidade, é fundamental uma formação inicial e continuada que considere a heterogeneidade e individualidade de cada aluno, materiais adaptados que estimulem outros sentidos além da visão, e o comprometimento dos docentes em buscar conhecimentos, saindo do modelo de educação estática ainda adotado por alguns profissionais”*.

O sétimo artigo do fluxo contínuo intitula-se ***Combinações elementares: potencialidades de um jogo didático no ensino fundamental e para a dislexia***, e tem autoria de Jeferson Luis Zaranski, Luciane Godoi e Camila Silveira. A pesquisa tem como objetivo analisar os limites e possibilidades de um jogo didático de Química na aula de Ciências e no processo de inclusão de um aluno do Ensino Fundamental com dislexia de uma escola estadual. O aumento do interesse pelos assuntos, o engajamento dos estudantes, além do estímulo à maior relação entre professor e aluno foram resultados encontrados, destacando a potencialidade de um recurso didático imagético e lúdico.

O oitavo artigo desta série é de autoria das pesquisadoras Josélia Schwanka Salomé e Maria Cristina Mendes e aborda ***A percepção do sensível e o ensino da arte na contemporaneidade***. O trabalho busca apontar possíveis caminhos para as particularidades da construção de conhecimento pelo sensível e refletir a importância da educação estética na formação humana diante dos interesses para uma formação voltada à adequação mercadológica implantada na educação, em seus diversos níveis. As autoras apontam que se a arte não pode, sozinha, humanizar, pode proporcionar o estranhamento e a dúvida, a fuga das convenções e da submissão automática às práticas sociais hegemônicas.

Em seguida, temos o **relato de experiência** selecionado para essa edição, intitulado ***Levando matemática e alegria para uma criança em tratamento com leucemia linfóide aguda***, do grupo de autores/as Kelly Maiara Masur da Silva dos Santos, Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus, Eliane Pinto de Góes, Marcos Lübeck. No relato, são apresentados dados sobre como acontece o ensino de uma criança com Leucemia Linfóide Aguda nos anos iniciais da Educação Básica, impossibilitada de ir para a escola em virtude do internamento hospitalar e do tratamento de saúde. A investigação mostrou que os jogos, bem como outros recursos didáticos, em um contexto de alegria, favoreceram para a criança a construção de conhecimentos, além de proporcionarem momentos de convívio que lhe ajudaram a lidar com as mudanças de rotina.

Por fim, temos a **entrevista** com Neide da Silveira Duarte de Mattos, que nos traz um panorama de suas experiências durante os estudos sobre Educação Especial realizados em Cuba, local escolhido pelo seu caráter de consolidação do movimento de estudos e pesquisas fundamentados na Teoria Histórico-cultural (THC), bem como por sediar o Centro de Referência Latinoamericano para a Educação Especial, proposto também na década de 1990, com intenção de representar a Educação Especial Cubana e promover o intercâmbio científico internacional, principalmente entre os países de América Latina e Caribe.

Com esta edição, a **Revista Educação, Artes e Inclusão** cumpre mais uma vez o seu propósito de divulgar ao público as recentes pesquisas realizadas nessa área do conhecimento que nos é tão cara, discutindo a educação inclusiva brasileira interseccionada com outros marcadores sociais, tais como, geração, classe social, gênero, sexualidade e deficiência, de modo ampliado, crítico, propositivo, assertivo e comprometido com o fazer científico atrelado à parceria Universidade, Escola e Sociedade.

Desejamos uma boa leitura!

Equipe Editorial Educação, Artes e Inclusão.